



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

Ana Karolina Freire Oliveira

Universidade Federal do Ceará (UFC).

oliveirak123@gmail.com

O TEMPO DO LUTO E O LUTO DO TEMPO: as artes de lembrar e narrar o ausente nas memórias de Evelize Silva Costa.

RESUMO

O objetivo deste artigo é pensar, a partir das narrativas de Evelize Silva Costa, uma mulher viúva, quais suas atitudes diante da morte e, principalmente, como a vivência de seu trabalho de luto é interessante para pensar as dimensões temporais imbricadas nesse processo. No primeiro tópico, a discussão mobiliza um debate a partir das conexões possíveis entre História, Literatura e Psicanálise, o que também permite pensar as discussões em torno do trabalho com a história oral. No segundo tópico, busca-se pensar como o trabalho de luto impulsiona uma reflexão sobre o tempo, tentado articular, nesse sentido, a noção de vida/futuro interrompido.

Palavras-chave: História; Literatura; Psicanálise.

ABSTRACT

The objective of this article is to think, based on the narratives of Evelize Silva Costa, a widowed woman, what her attitudes towards death are and, mainly, how the experience of her mourning work is interesting to think about the temporal dimensions intertwined in this process. In the first topic, a discussion mobilizes a debate based on the possible connections between History, Literature and Psychoanalysis, which also allows thinking about discussions around working with oral history. In the second topic, we try to think about how the work of mourning drives a reflection on time, trying to articulate, in this sense, the notion of life/interrupted future.

Keywords: History; Literature; Psychoanalysis.

É por isso que tem hora, tem dia assim que eu lembro muito dele. E quando eu olho pra esse meu menino mais pequeno, aí meu Deus, até o jeito que sai do banheiro, que enrola a toalha aqui na cintura é mermo que tá vendo, o jeito que ele ensinou ele faz ainda.

Evelize Silva Costa

Acordei e pensei que não fazia sentido nenhum que a morte doesse.

Valter Hugo Mãe

Introdução

Um grande número de historiadores e estudiosos já se debruçaram sobre o lugar central que as fontes desempenham no trabalho historiográfico. Sem dúvidas, a pesquisa histórica passa por uma boa reflexão a respeito do tipo de fonte utilizada, no entanto, não se trata apenas de seu conteúdo ou a boa condução de métodos capazes de extrair o máximo de informações possíveis. Muitos falam da importância de deixar a fonte falar no texto, mas essa noção ainda carrega a ideia de autoridade dos documentos, por exemplo, em história oral não é incomum que se coloque uma citação de uma entrevista para corroborar com os fatos apresentados ou para confirmar uma teoria. Ora, quem mobiliza os temas, as questões e as conexões é quem escreve o texto, por isso penso que a reflexão em torno das fontes significa pensar, principalmente, as condições de construção do material e nesse aspecto o trabalho de fazer entrevistas a partir da história oral é um prato cheio.

Este artigo é um desdobramento das reflexões que vêm sendo feitas no mestrado acadêmico em História da Universidade Federal do Ceará. A pesquisa consiste em pensar contradições, conflitos e pontos de tensão do agronegócio na vida de mulheres trabalhadoras, filhas, mães, esposas, viúvas, de comunidades rurais. Um desses conflitos diz respeito aos impactos sociais e ambientais do uso intensivo de agrotóxicos, essas substâncias que são comprovadamente prejudiciais à saúde e à qualidade de vida. As fontes mobilizadas na pesquisa são, majoritariamente, entrevistas de história oral. Nos trabalhos de campo realizados, entrevistei mulheres que perderam seus maridos em decorrência do contato que esses tinham com agrotóxicos no local de trabalho. As narrativas dessas mulheres viúvas me acionaram questões em torno da morte e as vivências de seus processos de luto.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é pensar a partir da narrativa de Evelize Silva Costa, uma das viúvas entrevistadas nos meus trabalhos de campo, quais suas atitudes diante da morte e, principalmente, como a vivência de seu trabalho de luto é interessante para pensar as dimensões temporais imbricadas nesse processo. Para

isso, busco estabelecer conexões possíveis com a Literatura e a Psicanálise. Evelize é uma mulher jovem, residente na comunidade rural Canafistula de Baixo, distrito da cidade de Limoeiro do Norte. Franscisco Rafael, seu companheiro, era trabalhador rural, um de seus trabalhos era a pulverização manual, atividade que consiste em colocar uma bomba nas costas e, através de uma mangueira, ir despejando veneno ao longo da plantação. Rafael morreu aos 31 anos, 21 dias depois de ter descoberto um câncer no pulmão. Desde o início, as memórias de Evelize me chamaram atenção, pois se tratavam de uma forma dramática de lidar com luto, o que me fez pesar sobre a maneira singular em que ela narrava a morte de seu companheiro.

No primeiro tópico a discussão mobiliza um debate em torno das conexões possíveis entre História, Literatura e Psicanálise, o que também permite pensar as discussões em torno do trabalho com história oral. No segundo tópico, tentarei pensar como o processo de luto impulsiona uma reflexão sobre o tempo, que tentarei articular a partir da noção de vida/futuro interrompido. Destaca-se que a intenção aqui não é usar outras áreas a serviço da História, ou seja, destacar um aspecto aqui e outro ali para confirmar os procedimentos e argumentos históricos e historiográficos. É mesmo o exercício de pensar com outras áreas, como o conhecimento, as questões pertinentes e indispensáveis de outras disciplinas também o é para a História, assumindo sempre o lugar político da escrita e a capacidade de produzir debate.

História, Literatura e psicanálise

O historiador francês Michel de Certeau é um dos teóricos mais referenciados quando o assunto é teoria e metodologia da disciplina histórica. Certeau marca em seus textos uma crítica severa ao funcionamento, mais especificamente, aos procedimentos de fabricação do texto historiográfico moderno. Neste sentido, seus livros *A Escrita da História* e *História e Psicanálise: entre a ficção e a ciência*, apresentam discussões instigantes para pensar por quais caminhos a moderna disciplina histórica opera, assim como os problemas e perigos de uma escrita demasiadamente explicativa. Ao distanciar-se de tendências antigas e modernas, o autor sinaliza propostas para dar cabo a um outro tipo de historiografia, que vai além

da definição: relações entre passado, presente e futuro. Em Certeau a História é pensada, sobretudo, a partir do passado, ou melhor, a forma de recalcar o passado.¹

Dito isso, cabe apontar que alguns conceitos e noções são centrais nas reflexões de Michel de Certeau como, por exemplo, o corpo. Para ele, a escrita não é uma cabeça que pensa de maneira racional suas questões, sendo a percepção corporal um elemento crucial. Outro ponto importante para esse historiador, é a maneira como ele pensa o lugar, no qual é mais do que o espaço acadêmico, institucional que possui métodos e técnicas específicas, como ele aborda na Operação Historiográfica. em Certeau, o lugar deve ser pensado, sobretudo, pela sua dimensão política. Dessa forma, através de seu contato com Freud e as reflexões psicanalíticas, Certeau vai trazer contribuições importantes para pensar o corpo, o lugar e a escrita da história.

Nessa perspectiva, trago para o debate proposto, reflexões de Certeau em conexão com outros autores. O primeiro texto que quero pensar é O ausente da história, integrado ao livro História e Psicanálise: entre a ficção e a ciência, no texto Certeau afirma que “um trabalho de história faz retorno na historiografia” (CERTEAU, 2011, p. 181) e que a disciplina histórica pressupõe sempre uma relação com o outro enquanto ele está ausente, continua Certeau, “os significantes dispersos na cultura e qualificados por ela por ela como “antigos” são recortados segundo pertinências, dispostos de acordo com uma ordem, transformados em objetos abordáveis. Nesse aspecto, a alteridade recebida como um fato é, por uma série de operações, conduzida a uma razão que a torna assimilável, compreensível” (CERTEAU, 2011, p. 183). Nessas passagens fica evidente a influência da Psicanálise no pensamento de Michel de Certeau, de acordo com esta disciplina, o passado não acaba integralmente, alguns resquícios, fragmentos não se encerram, e ficam armazenados no inconsciente e sempre retornam, esta volta incessante é o que Freud chamou de o retorno do recalado. Trocando em miúdos, a relação da Psicanálise com o passado mostra que este não é um fato consumado, pelo contrário, o passado, através de frações e de maneira conflitiva, está sempre se presentificando.

Para Certeau, esses tensionamentos da relação entre passado e Psicanálise também são pertinentes à História. Este retorno na historiografia faz referência aos

¹ A ideia de recalque é utilizada em Psicanálise para designar um processo que manda para o inconsciente impulsos, desejos e experiências que seriam rejeitadas pelo consciente, com o objetivo de evitar conflitos psíquicos. No entanto, aquilo que é recalado se expressa de outras formas, por isso a ideia de “retorno do recalado”.

problemas que os historiadores, de alguma maneira, não enfrentam, e por isso mesmo, eles podem voltar de uma maneira ainda mais corrosiva. Além disso, ao falar da historiografia como escrita do outro, efetivada a partir de uma razão assimilável e compreensível através de técnicas e operações, Certeau está pensando sobre os perigos de uma história que se pretende demasiadamente explicativa. “Explicações através de datas, nomes próprios, citações, detalhes secundários, gráficos na tentativa de formar um verossímil do outro” (CERTEAU, 2011, p. 184). Assim há um contrato entre leitor e escritor, em que o escritor fornece o exótico, quer dizer, aquilo que constitui o interesse do leitor, o fascínio pelo passado. Todavia, esse exótico passa a ser bem fundamentado através de um discurso especializado e não apenas um acontecimento fantástico, uma lenda, um mito. A historiografia seria assim a narrativa de um poder. “Há muito tempo a serviço dos príncipes, a historiografia torna-se, então, a narrativa de um poder; melhor ainda, trata-se de uma narração dotada de poder quando, de acordo com uma ordem estabelecida, ela empreende a articulação das zonas marginais que escapam às normas explícitas de uma sociedade. (CERTEAU, 2011, p. 185).

A partir de uma crítica à pedagogia (didática) moderna, Certeau nos provoca a pensar a historiografia, como se esta tivesse mesmo o papel de explicar ou tonar a história mais acessível, funcionando como um meio de analisar a sucessão de fatos que justificaria o presente. Um trabalho que “combina o espaço deixado pelos mortos com o desejo dos vivos de encontrar uma explicação que fundamente este vazio.” (CERTEAU, 2011, p. 184) Tal reflexão nos faz lembrar as discussões que, há algum tempo, se instalam sob a bandeira de “democratizar a história e o ensino de história”. Ora, é importante que nos perguntemos o que significa este democratizar o conhecimento, pois é possível cair no risco de fornecer meras explicações e acabar por justificar o conjunto de opressões que, historicamente, nos atravessa. No fim, uma manobra repleta de boas intenções pode acabar fornecendo material para um questionamento superficial, que incapaz de chegar à raiz, é facilmente cooptado e termina sendo uma forma de renovar as estruturas coloniais de opressão.

No conto O afogado mais bonito do mundo, Gabriel García Marquez narra o fascínio do encontro entre moradores de uma vila de pescadores com um corpo que aparece encalhado na praia. Qual a potência do afogado? Há um momento em que o afogado se torna útil? Ninguém sabe quem é nem de onde vem, o afogado é o outro e por não poder dizer quem é ou de onde vem, possibilita que os moradores da vila

especulem sobre ele, eles tentam dar sentido aquele ser curioso, o fascínio pelo corpo do morto faz com que o povoado se empenhe em atribuir-lhe sentido, que o vistam, que o velem, ainda que ele não caiba dentro dos códigos estabelecidos daquela sociedade.

Nesse sentido, o conto nos faz lembrar as reflexões de Certeau quando fala na produção de um discurso sobre o ausente. “O sentido que se tornou possível a partir da ausência quando não existe outro lugar além do discurso, elabora tal relato sob forma de lenda” “O historiador encontra-se, também, neste lugar, diante do mar de onde vem o homem que deixou vestígios”. (CERTEAU, 2011, p. 188) “O discurso que organiza uma presença faltante e conserva, do sonho ou do lapso, a possibilidade de ser a marca de uma alteridade alterante.” (CERTEAU, 2011, p. 188). A partir disso, nos fica a indagação de como é possível praticar uma alteridade que não seja transformada numa forma de violência, de enquadramento, na redução do outro a nós mesmo, no fim das contas trata-se daquilo que somos capazes de saber sobre nós mesmos.

No conto, os moradores da vila, a partir de seus códigos, estão, a todo momento, tentando atribuir sentido e significado ao afogado, as mulheres ficam fascinadas por sua beleza a ponto de dar-lhe um nome. Depois elas mesmas fazem um esforço de traçar um discurso que o vitimiza por ter sido tão grande e por fim sentem profunda compaixão, elas estabelecem uma alteridade para com o afogado. Os moradores da vila, ao construir portas e janelas maiores, transformam aquele afogado em lenda, em história, as janelas e as portas maiores constituem a marca, o vestígio de que ele estivera ali. Fazer daquela vila a “vila de Estevam” é, portanto, uma forma de enquadrá-lo.

As reflexões de Michel de Certeau sobre o corpo e a escrita são mais uma vez retomadas no prefácio a segunda edição do livro *A Escrita da História*. O texto começa evocando a figura de Américo Vespúcio, o descobridor, e seu encontro com a América índia, mulher estendida e nua, tal encontro, diz Certeau, gera um espanto inicial que logo se transforma no desejo de conquistar o outro, a conquista consiste em escrever o corpo do outro, transformando-o em corpo historiado, ou seja, trata-se de “uma colonização do corpo pelo discurso de poder” (CERTEAU, 1982). Nesse sentido, o produto deste encontro é a fabricação da história ocidental, pois a historiografia está diretamente associada a uma forma moderna de escrever e desta historiografia moderna observa-se um encontro que não produz alteridade, mas desumanização,

trata-se de uma escrita que fundamenta os conflitos, as perseguições, os massacres coloniais. O novo mundo é, portanto, fabricado por esta escrita moderna que de alguma forma justifica a colonização à medida que a explica.

No conto Funes, o memorioso do escritor argentino Jorge Luis Borges, é possível pensar, através de um estilo irônico, os limites de uma certa forma de escrever história. Borges nos apresenta Irineu Funes, um sujeito incomum que vive numa pequena cidade do Uruguai, é curioso que aquilo que lhe faz mais extraordinário é também a maior de suas angústias, eis que ele possui uma memória tão poderosa que é capaz de anular todas as suas outras habilidades. A memória infalível de Funes é fantástica para as pessoas comuns que não podem anular o esquecimento, mas para o próprio Funes trata-se, na verdade, de um tormento recordar de cada nome próprio, cada sonho, cada detalhe das árvores e dos seres. O conto nos faz pensar que Funes é uma alegoria de um tipo de historiografia moderna, presa a contar detidamente cada fato, cada minúcia numa vontade explicativa, tão presa aos detalhes que seria incapaz de pensar e propor coisas novas, pois sua qualidade é, tão somente, revelar um passado uníssono.

No texto *Psicanálise e História*, Certeau aborda, mais especificamente, as possíveis aproximações entre os dois campos, mostrando que as duas disciplinas possuem diferentes relações com o passado, a memória e o tempo. Certeau abre o texto falando que o passado para a Psicanálise está sempre voltando através do retorno do recaiado, o que revela uma relação de imbricação, simultaneidade, repetição entre passado e presente, através de ambiguidades e reviravoltas a Psicanálise implica num reconhecimento mútuo das diferentes temporalidades. Já a historiografia opera por meio da sucessividade, da cronologia, da correlação, da disjunção, trata-se, portanto, da História fazendo um corte entre passado e presente e é desta separação que Certeau desconfia, entendendo-a como uma característica muito própria de uma escrita moderna, na qual demanda atenção ao questionar seus procedimentos de fabricação. É nesse sentido que o autor coloca que as relações temporais da Psicanálise são pertinentes para questionar as próprias relações entre passado e presente da historiografia.

O conto *O Peru de Natal* de Mário de Andrade, é interessante para pensar sobre uma relação entre passado e presente a partir do conflito temporal. Há na narrativa o retorno de um recaiado: o pai do narrador, mas, de que forma o pai de Juca é um recaiado que retorna? Mesmo depois da morte do pai, o rapaz ainda continua sendo

atormentado pela sua presença: a presença corrosiva do ausente. A impressão que fica é a de que o pai não era uma figura tão boa assim, ainda que nunca tenha deixado faltar nada à família, a sensação é de que fora mesmo uma figura muito cruel, não só com o filho, mas com todos os parentes, mas que a morte acabou por colocá-lo em um lugar de sacralização. No conto é curioso o embate que se trava entre o pai e o peru na ceia de natal, neste momento, o pai representa a existência que se quer apagar, o peru representa a celebração da vida sem o peso do pai, pois este era uma figura que sempre pesava o ambiente. Acredito que a morte do pai representa pro filho um alívio, que ele tenta celebrar com o peru. No entanto, a mesma morte que significou alívio para o filho pode exprimir outros sentimentos na mãe, na tia que não conseguiam comer o peru. A morte não impede que o morto se transforme em fantasma, sobretudo, quando ele volta nas lembranças de todos os familiares e de formas diferentes.

O texto que abre o livro *Escrita da História* começa invocando a figura daquele que é um dos historiadores mais conhecido da França: Michelet, Certeau mostra como este observou, não sem um pouco de recursos literários, a centralidade dos mortos no trabalho historiográfico. Ali, ele comenta que o fascínio pelos mortos cultivado por Michelet faz parte de uma forma de moldar o passado e dos próprios mortos, o corte que a disciplina histórica faz entre passado e presente permite que esta seja sempre uma escrita sobre o outro, porém o outro aqui assume uma perspectiva de enquadramento, de uma página em branco a ser preenchida. Trata-se da função de pôr os mortos em seu lugar: no passado, com a tentativa de dominá-lo. “acalmar os mortos que ainda frequenta o presente e oferecer-lhes túmulos escriturários” (CERTEAU, 1982) Tal qual a personagem Rosalinda, no conto *Rosalinda*, a nenhuma de Mia Couto que sabia do poder de uma lápide, ao escrever o nome de seu Jacinto em outro túmulo, ela não só enganou as amantes do homem, como, absoluta, teve o poder de dominá-lo.

Para o historiador e crítico literário italiano Alessandro Portelli, a história oral é uma arte da escuta. No sentido de sustentar essa definição, Portelli chama atenção para quatro questões fundamentais:

A história oral é uma arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações: 1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as

histórias; 4. A relação entre a oralidade das fontes e a escrita do historiador. (PORTELLI, 2016, p. 12)

As questões colocadas por Portelli são interessantes para pensar em que terreno germina uma boa entrevista/um bom trabalho de história oral. O primeiro ponto destaca a relação entre entrevistador e entrevistado, aqui é importante pensar na tensão existente nesse contato. Entre aquele/a que narra e aquele/a que faz perguntas, rapidamente, se estabelece uma hierarquia, uma autoridade implícita, o que pode acabar comprometendo todo o trabalho de campo, se o/a pesquisador/a não souber contornar esses percalços. No entanto, pode se tornar uma experiência muito frutífera para o/a pesquisador/a que estiver de ouvidos limpos, disposto/a a ouvir aquilo que o/a narrador/a tem a dizer, pois nem sempre ouvimos aquilo que queremos em uma entrevista.

Talvez a pesquisa que tem como base a história oral, só começa, de fato, no momento em que as entrevistas são realizadas. É obvio que para ir a campo é preciso que se estabeleça um tema de pesquisa, é importante ter em mente um conjunto de questões, mais ainda, é preciso elaborar um roteiro que guie as entrevistas. Porém, é necessário se preparar para que nada disso funcione. A história oral como arte da escuta também quer chamar atenção para isso, aquilo que é importante para a narrativa do/a entrevistado/a, talvez não vá de encontro ao que, inicialmente, queremos saber como pesquisadores/as. Muitas vezes, estamos diante de uma ótima narrativa, mas por não abordar o que queremos, achamos que a entrevista não servirá. Contudo, se a história oral for mesmo uma arte de escutar, é preciso admitir está diante de uma outra pesquisa, produzida a partir de um encontro que acontece na realização das entrevistas.

As reflexões trazidas até aqui é um esforço de pensar uma História capaz de fazer conexões, assumindo o seu lugar político e sua capacidade de gerar debate. Acredito que todas essas questões estão estreitamente vinculadas ao trabalho com a história oral, pois a relação com o outro, nesse caso, é um dos principais pontos a se pensar. Em um trabalho de história, e aqui quero chamar atenção especificamente para a história oral, é preciso muito cuidado para não enquadrar as pessoas da pesquisa.

A construção da narrativa historiográfica é uma questão escorregadia, deve ser refletida com bastante cuidado por parte de quem a escreve; diante da dor do outro² pode ser muito fácil cair em uma interpretação que inferioriza os indivíduos, colocando-os como vítimas das estruturas sociais dominadas por grupos poderosos, por outro lado, na tentativa de ser coerente com o compromisso crítico e problematizador das ciências sociais, pode-se ficar numa posição de alheamento e apatia diante do outro.

Nesse sentido, a escrita da história/o trabalho com história oral é também um risco, entretanto, a disposição para enfrentá-lo pode levar a construção de uma disciplina da alteridade, sabendo que sua potencialidade está na sua capacidade de promover o encontro com o outro, ou seja, com aquele/a que diferente do eu, de nós. Além disso, trata-se de um encontro que gere um interesse pelo outro e não uma vontade de aniquilá-lo. Como bem lembrou Portelli: “Pontos em comum fazem com que a comunicação seja possível, mas é a diferença que a torna significativa. Pontos em comum não precisam significar uma identidade compartilhada, mas sim uma disposição compartilhada de ouvir e aceitar o outro, criticamente” (PORTELLI, 2016, p. 14). Por isso, é muito importante pensar acerca de como não cair nas armadilhas da fonte oral. Enfrentar o risco da história é assumir o compromisso de construir uma narrativa que cumpra com seu papel crítico e seja também exercício de alteridade, tendo sempre em mente que o encontro com o outro não serve para que “eu” me torne o “outro”, ou seja, a tentativa de uma identidade única, tampouco serve para eliminá-lo. A beleza e a serventia da História estão nas potencialidades de criação que o encontro das diferenças pode gerar.

Mulheres e meninas de luto

Ambientando nos fiordes da Islândia, o romance *A desumanização*, do escritor português Valter Hugo Mãe, tem uma atmosfera gélida e uma paisagem cinza, a escolha do cenário faz parte da rede de sentidos proposta pela narrativa. O tema central: a morte, ou melhor, a história de uma perda, o longo processo de luto. Em

² Diante da dor dos outros é o título de um livro da escritora estadunidense Susan Sontag, na obra ela nos instiga a pensar a forma histórica de lidarmos com o sofrimento humano, refletindo em que medida as imagens são acionadas numa chave de sentido que naturaliza a violência. Nesse sentido, considero uma boa reflexão para o historiador oral, no que se refere ao trato com narrativas que evocam a violência, o sofrimento.

meio a estúpida agressividade da mãe e a profunda tristeza do pai, acompanhamos a menina Halla, de apenas 11 anos, tentar dizer o que é a dor, a solidão, o desamparo, surgidos pela morte de sua irmã gêmea Sigridur.

Em A desumanização é possível ter uma dimensão do que significa aquilo que Freud sistematizou como o trabalho de luto. O luto, assim como a paixão, é algo que ninguém tem o poder de escolher, não é possível determinar um melhor momento, uma fase mais oportuna da vida para enfrentar essas situações, elas simplesmente acontecem e não é possível se preparar para vivê-las. Há um aspecto enigmático em viver um luto, não se escolhe o momento, não é possível se preparar, não se sabe quanto tempo dura; sabe-se apenas que a jornada implica um movimento de transformação, ou seja, quem começa e finda um processo de luto não é a mesma pessoa, dadas as particularidades, peculiaridades e potencialidades do processo, o caminho do luto pressupõe necessariamente mudanças, transformações significativas para quem o viveu. Viver um luto, ou qualquer outra experiência que ponha o indivíduo para fora de si ou para além de si, não significa um processo de enquadramento, não há uma forma correta, sistemática ou melhor de vivenciar, não é algo que se tenha controle, é uma jornada imprevisível, mas que sempre leva a algum lugar inesperado. “Uma pessoa passe pelo trabalho de luto ao aceitar que a perda a mudará, possivelmente para sempre” (BUTLER, 2020, p. 41).

Com uma das mulheres que eu entrevistei no trabalho de campo, este tema do luto apareceu com mais contundência, tratava-se de uma viúva que sentiu profundamente a perda do companheiro – o que nem sempre acontece. Evelize Silva Costa, viúva de Francisco Rafael da Silva, trabalhava com seu companheiro na empresa³ onde ele veio a adoecer e em poucos meses depois falecer. Evelize reside na comunidade Canafistula de Baixo, distante uns 15 quilômetros de Limoeiro do Norte, é uma mulher jovem, trabalhadora e mãe de dois meninos. Perto de onde mora, Evelize começou a trabalhar no cultivo de frutas, numa propriedade de médio porte, pertencente a uma família do Estado do Rio Grande do Norte. Foi no trabalho e nos espaços de sociabilidade da comunidade que ela conheceu Rafael.

Quando cheguei à casa de Evelize para entrevistá-la, eu já havia conversado com outras duas viúvas, o que eu não poderia imaginar era que aquela longa conversa

³ Francisco Rafael havia trabalhado em algumas propriedades de pequeno e médio porte na região. Seu último trabalho foi em um lote de médio porte, pertencente a uma família do Rio Grande do Norte.

me traria questões totalmente novas⁴. Aprendi no trabalho de campo que a morte de um familiar não é, necessariamente, uma perda dolorida, muitas vezes, as relações são conflituosas, de violência doméstica e a narrativa de uma morte pode se um breve relato de indiferença, mas este não era o caso de Evelize. O relato de Evelize me fez atentar para o processo de luto, pois sua narrativa estava integralmente atravessada pela experiência de ter perdido alguém que fazia parte do que ela era, ao contrário das outras duas mulheres entrevistadas, agora eu estava diante de alguém que passara por um trabalho de luto.

Evelize me levou a pensar que o trabalho de luto é atravessado por questões políticas, culturais, temporais e até mesmo econômicas e, ao contrário do que parece, não se trata de um momento estritamente individual, guardando dimensões para refletir seu funcionamento num sentido de comunidade. Aqui cabe uma pergunta: como mulheres pobres vivenciam seus processos de luto? Não é que a dor seja menor, não é que não se demande um período para elaborar a perda, mas a vida, o tempo presente chama de uma forma mais urgente. Por exemplo, durante o trabalho de luto, quem cuida de seus filhos? Quem paga as contas de casa? Quem coloca a comida na mesa? Diz Evelize “E com a ajuda dos meus vizinhos, da minha mãe, da minha irmã, graças a Deus eu recebi muita ajuda e venci, a comunidade fez um sorteio também, nós fazia parte da igreja.” (COSTA, 2022). Nesse sentido, sabemos que o trabalho de luto é intransferível, mas será que ele só se torna possível com a ajuda de outros?

Dito isso, o que me interessa discutir neste tópico é como o processo de luto instiga a pensar o tempo. A forma narrativa de Evelize, tanto ao construir o passado, como ao perspectivar o futuro, está atravessada pela experiência de viver um luto, ou seja, como isso transformou a sua vida. Em *A ridícula ideia de nunca mais te ver*, a espanhola Rosa Montero conta como teve conhecimento do diário escrito por Marie Curie após a morte de seu marido - Pierre Curie. Quando Rosa Montero teve contato com os escritos de Marie Curie havia, mais ou menos, dois anos que seu marido - Pablo Lizcano - havia falecido; deixando-se capturar pelo luto narrado de Curie, Montero também aciona o seu próprio luto para pensar a elaboração da perda. As

⁴ Neste artigo, destaco, principalmente, a entrevista com Evelize, uma mulher que experimentara dramaticamente o trabalho de luto e possuía uma atitude singular diante da morte do marido.

narrativas de Rosa Montero, Marie Curie e de Evelize me levaram a pensar essas dimensões temporais do processo de luto.

No livro, Rosa Montero me levou a refletir sobre um certo artifício da memória. Ao pensar sobre as fotografias de quando Pablo era criança Rosa diz: “desde que ele morreu não sinto apenas falta da sua presença, de continuar vivendo com ele e de vê-lo envelhecer. Também tenho saudades de seu passado, das muitas vivências que não conheci.” (MONTERO, 2021, p. 62). Ao ler esse trecho do livro me lembrei instantaneamente de Evelize que narrava com propriedade e interesse a vida de Rafael, em um período em que sequer o conhecia. Através de Evelize fiquei sabendo da infância de Rafael, dos trabalhos que ele exercera antes de conhecê-la, dos relacionamentos familiares, lembro-me, especificamente, quando ela disse com riqueza de detalhes a única vez que Rafael havia falado com seu pai, que o abandonara quando era criança. Ora, Evelize me fez pensar que ela também sentia saudades do passado de Rafael, pensei ainda está diante de um artifício da memória que autoriza e corrobora uma certa construção estética da narrativa, em que não tem a função de explicar ou validar um fato, sua virtude seria, tão somente, a magia de fazer emocionar aqueles que leem ou escutam uma história.

Ao elaborar sobre o próprio processo de luto, Evelize diz: “é um pedaço bom e um bocado ruim” (COSTA, 2022), nessa reflexão é possível observar uma medida de tempo e uma avaliação qualitativa do luto; pedaço bom, é um período de tempo, não necessariamente longo, mas muito longe de ser desprezível, ínfimo; um bocado ruim, aqui ela está a qualificar o pedaço bom, o tempo em que esteve neste processo. É interessante analisar que, despreziosamente, ela consegue elaborar numa frase o tempo e a qualidade desse tempo, que faz externar uma carga de sentidos que deixa nas entrelinhas uma significativa profundidade, elaborando sentidos provenientes da melancolia dos tempos que esteve de luto.

Além disso, o trabalho de luto, não só o narrado por Evelize, mas também os na Literatura, nos instiga a pensar como passado e futuro são mobilizados dentro desse processo. Ao longo da entrevista de Evelize, nos momentos em que ela narrava a descoberta da doença grave de Rafael, como ele piorava com o passar dos dias, até o momento de sua morte, eu era atravessada por uma sensação de que sua vida havia sido interrompida, como se suas perspectivas de futuro tivessem ficado suspensas para viver aquela correria do intervalo de tempo entre descoberta da doença e a morte.

Após a morte de Rafael e o período de luto que Evelize narrava, pensei que suas perspectivas de futuro e suas memórias estavam condicionadas ao processo de elaboração da perda, em que uma pluralidade de sentimentos são condensados. Pensei, então, que o futuro como perspectiva estava mesmo suspenso, pois o futuro só era possível através daquilo que havia sido interrompido com a morte. Diz Evelize: “a gente tava se ajeitando para em dezembro, ia ter um casamento comunitário aqui, já tinha botado o nome já, ajeitado tudo pra casar em dezembro” (COSTA, 2022). Durante o processo de luto, o futuro ficou limitado por aquilo que a morte interrompeu, o casamento seria em dezembro, mas Rafael morreu em novembro, 21 dias depois de descobrir um câncer no pulmão.

Até aqui falei demasiadamente do processo de luto, a pergunta agora é: quando acaba o luto? Para a Psicanálise o chamado trabalho de luto passa por diversas etapas que cada indivíduo responde de maneira específica. Aqui não me interessa fazer um apanhado das fases do luto, que pode passar por um período de negação da perda ou até mesmo da ira e da violência. (DUNKER, 2019) Evelize, no momento em que narra o luto, não sente raiva ou mágoa pela intimidade perdida, pela vida, pelo futuro que fora interrompido, mas um lamento profundo, uma tristeza no olhar que acaba me fazendo lamentar também.

A Psicanálise fala ainda em um luto bem sucedido. O fim do trabalho de luto não é a capacidade de esquecer ou substituir o objeto. Até porque a lembrança de Rafael e do luto estarão sempre presentes na vida de Evelize. Afinal de contas foi esse processo que a transformou. Rafael, certamente, volta e meia, retornará à sua vida, basta que ela veja uma plantação de goiabas – o local onde os dois trabalharam – veja, na rua, alguém vestindo uma camisa parecida com a que ele usava, ou simplesmente quando seu filho mais novo sair do banho e enrolar a toalha na cintura. Porém, esse retorno acontecerá de uma forma que não vai atormentá-la, pois essas lembranças já não têm mais o poder de interromper a sua vida. Suas perspectivas de futuro já não estão limitadas a perda.

Pensando a partir das reflexões de (DUNKER, 2019), (SAFLATE, 2015), (BUTLER, 2020), (COSTA, 2011). Será esse o fim de um processo de luto? A reconstrução de um futuro? O que seria aquilo que em Psicanálise se chama o luto bem sucedido? Seria a capacidade de pensar o futuro novamente? Primeiramente, se tem uma ideia do nunca, para sempre, nunca mais vou te ver, é um tipo de reflexão

que impede pensar o futuro, como se fosse incompatível viver aquele momento e elaborar algo sobre a vida depois disso, ou seja, a vida no futuro.

A noção de luto bem sucedido, não significa substituir o objeto perdido, mas uma resignificação do objeto, não é que ele vai desaparecer, deixar de latejar, o luto é um processo que transforma o Eu, é, portanto, o momento em que acaba a interrupção da vida, é a possibilidade de pensar novamente o futuro, é, sobretudo isso, a capacidade de perspectivar o futuro. É curioso que o final do romance de Valter Hugo Mãe, a menina Halla diz ter aprendido a solidão, a narrativa cinzenta e congelante presente em todo o livro se converte em um sentimento caloroso: o perdão. A capacidade de compreender a tristeza do pai, a agressividade da mãe e, portanto, de se abrir a novos horizontes além dos fiordes. Eu diria que o livro acaba com uma oração ao perdão, se eu pudesse dar uma cor ao perdão seria laranja, da cor do fogo alto. É preciso muita coragem para perdoar, há no final do livro a abertura de um portal, é a fuga de Halla, sua partida para longe do pai e da mãe, é, portanto, a capacidade de imaginar outros futuros. Assim como Evelize narra a sua vida com Rafael, emociona-se ao lembrar os momentos bons e ruins, mas, mais do que isso, ela vê a necessidade de pensar o futuro novamente, como uma forma de continuar a viver, afinal de contas, é preciso terminar de criar os filhos. E depois de tanto tempo, ela conta como se sentiu capaz de ter um outro companheiro, mostrando que a vida continua e que já é possível inventar o futuro novamente.

Algumas considerações

Afinal de contas, para que serve pensar a morte? Um processo de luto? Pensar a morte é, antes de tudo, pensar a vida. Uma forma de atribuir beleza a própria existência, que não só a Literatura pode proporcionar, mas também a vida de uma mulher trabalhadora do campo. “Para viver, temos de nos narrar; somos um produto da nossa imaginação (MONTERO, 2010, p. 104). Narrar para conseguir suportar o próprio sofrimento. Não para dizer simplesmente o que “Eu” perdi, é o que no outro faz parte de mim, há algo no outro que me constitui. Talvez assim, assumindo a importância do outro nas nossas vidas, seja possível construir narrativas para questionar os discursos de autoajuda, de individualização, tão presentes no nosso tempo.

Quando uma viúva chora a morte do marido muitas questões são postas. A morte talvez seja um dos momentos da vida que mais causa reflexões, que mais sevem de matéria ao fascínio dos literatos. Para alguns se apegar a religião é a saída, para outros a certeza de uma vida bem vivida ajuda a superar a dor causada pela partida de alguém querido. Mas é importante dizer que as atitudes diante da morte são históricas e nos convida a pensar as temporalidades imbricadas no trabalho de luto.

Em um tempo em que tudo é um investimento, cada passo dado requer um minucioso planejamento. Os mestres do investimento garantem que com planejamento os lucros mudarão as nossas vidas. Hoje, fiquei perplexa ao ler uma matéria de jornal, o assunto principal era a criação de filhos, me chamou atenção o fato desse assunto está numa parte do jornal cujo o título era “Business”⁵. Ora, ao contrário do que poderia parecer, a criação de filhos não era uma reflexão sobre a construção social que queremos legar as próximas gerações, como me sugeriu a manchete, não era nem mesmo uma discussão sobre maternidade ou paternidade, tratava-se de como fazer um bom investimento, será que vale a pena ter filhos? Você sabe quanto custa criar um filho? Eis a noção de criar filhos no capitalismo especulativo, eis o único futuro possível, a capacidade de projetar lucros. Será o processo de luto uma forma capaz de ajudar a pensar um outro futuro que não seja a projeção de investimentos, do quanto eu vou lucrar daqui a dezoito anos?

Talvez a História, a Literatura, a Psicanálise possam nos oferecer alternativas para questionar esse futuro posto pelo capitalismo especulativo, uma forma de pensar outros futuros. A Literatura é o que torna a História pensável, pois ao observar a vida, esforça-se para dizer o que ela é e, sem nenhuma pretensão de dizer a verdade, acaba por instaurar o debate, por exemplo, a Psicanálise pode tentar analisar os tipos de comportamento da ficção, é uma forma de penetrar mais fundo, pois as complexidades humanas são mais do que a descrição de procedimentos técnicos e metodológicos. A literatura junta uma acurada observação da vida com a própria experiência de quem escreve, ao descreve comportamentos, formas de dizer, formas de sentir acaba, portanto, colocando o tempo no centro das discussões. A Psicanálise talvez seja uma chave importante para nos encorajar a pensar as questões

⁵ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quanto-custa-criar-um-filho-ate-os-18-anos/>

espinhosas do ofício historiográfico. A Literatura em nos fazer imaginar outros futuros possíveis.

Entrevista de História Oral

- COSTA, Silva Evelize: entrevista [04 de janeiro de 2022], Limoeiro do Norte.

Referências bibliográficas

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso. **História**, São Paulo 14: 125-136.1995.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANDRADE, Mário de. “O peru de Natal”. In: **Os melhores contos de Mário de Andrade**. São Paulo: Global Editora, 2017.

BORGES, Jorge Luis. “Funes, o memorioso”. In: **Ficções**. Rio de Janeiro: Global, 1989.

BUTLER, Judith. **Vida Precária: os poderes do luto e da violência**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Filô).

COSTA, Jurandir Freire. **O Risco de Cada um e outros ensaios de psicanálise e cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

COUTO, Mia. “Rosalinda, a nenhuma”. In: **Cada homem é uma raça**. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

DE CERTEAU, Michel. “Capítulo VIII: O ausente da história”. In: **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. “Capítulo II: Psicanálise e história”. In: **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. “Prefácio à 2ª edição”. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. “Escritas e Histórias”. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. “A Operação Historiográfica” In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUNKERR, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em Psicanálise. **Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez. 2019.

MARQUES, Gabriel Garcia. “O afogado mais bonito do mundo”. In: **A incrível e triste história da Cândida Erêndira e sua avó desalmada**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **A Desumanização**. Edição 1. São Paulo. Biblioteca azul, 2017.

MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais de te ver**. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev./1997.

_____. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 59-72.

_____. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. – (Coleção Ideias).

_____. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, (15), abr: 1997.

_____. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

POSSAS, Lídia Maria V. Viuvez, gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis. **História Oral**, v. 12, n. 1-2, p. 87-102, jan.-dez. 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O escorpião atrás do espelho: a tortura no regime de 1964 e o declínio da narrativa**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

RIOS, Kênia Sousa. **Engenhos da Memória: narrativas da seca no Ceará**. Fortaleza: EDUFC, 2012.

ROTH, Philip. **Nêmesis**. Tradução Jorio Dauster. São Pulo: Companhia das Letras, 2021.

SAFLATE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

SMITH, Richard. C. História oral na historiografia: autoria na história. **História Oral**, v. 13, n. 1, p. 23-32, jan.-jun. 2010.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Ana Karolina Freire Oliveira

Graduada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (PPGH-UFC). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8389677491300416>

Artigo recebido em: 28 de fevereiro de 2023.

Artigo aprovado em: 05 de junho de 2023.